

Selfie – Vamos Falar de Mim?¹

O Hiperindividualismo na Era de Convergência Digital

Luciano Giannini²

Universidade Tuiuti do Paraná

RESUMO

Presente no cotidiano das pessoas, a selfie se torna um comportamento comum àqueles que vivem a sociedade contemporânea. A facilidade de acesso a dispositivos multifuncionais contribui para o crescimento deste fenômeno que tem características, descritas por Gilles Lipovetsky, como sendo de uma sociedade hiperindividualizada. Este artigo visa fazer uma reflexão sobre como uma sociedade inserida neste conceito de mantém ainda padrões de convívio social mesmo com comportamentos individualizados como fazer uma selfie.

Palavras Chave: selfie, hiperindividualismo, gadgets, memória, redes sociais

1. INTRODUÇÃO

Um grupo de amigos reunidos, numa celebração qualquer, um aniversário, um casamento ou um simples almoço de família terá, nos dias de hoje, com certeza a presença dela, a selfie. Usando este comportamento como exemplo, que vem se tornando mais comum a cada dia, sugerimos uma reflexão sobre como as pessoas estão mais individualistas, procurando falar de si próprias. Buscaremos neste artigo refletir sobre fatores que contribuem para o crescimento deste fenômeno e como isso o torna uma das características da sociedade contemporânea. Para iniciar esta reflexão, buscamos uma definição deste termo. Segundo o portal *Significados*³ a palavra selfie

É um neologismo com origem no termo self-portrait, que significa autorretrato, e é uma foto tirada e compartilhada na internet. Normalmente uma selfie é tirada pela própria pessoa que aparece na foto, com um celular que possui uma câmera incorporada, com um smartphone, por exemplo. Também pode ser tirada com uma câmera digital ou webcam.

¹ Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergências Tecnológicas, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Curso de Comunicação e Linguagens – Linha de pesquisa Processos Midiáticos e Práticas Comunicacionais; Orientando do Professor Doutor Carlos Eduardo Marquioni. email: luciano@nerocom.com.br.

³ Em <http://www.significados.com.br/selfie/> acessado em 29/05/2015

A palavra tem se tornando tão importante na cultura popular a ponto de no ano de 2013, os responsáveis pelos dicionários Oxford escolheram selfie como a palavra do ano. “Um dos motivos para esta escolha foi o fato de esta palavra ter crescido 17000% em 2013, o que confirma o seu estatuto de uma das mais procuradas em um ano” (SBARAI, 2013).

Mesmo com este crescimento registrado em 2013, a palavra selfie só teria sido utilizada pela primeira vez em um fórum no ano de 2002 com a utilização de uma tag⁴ com o termo em uma fotografia feita pela escritora Jennifer Lee exibindo o próprio rosto (Figura 01).



Figura 01: Primeira imagem com a tag “selfie” feita pela escritora Jennifer Lee.

Fonte: <http://www.techtudo.com.br>. Acesso em 06 de julho

A prática se tornou popular inclusive entre personagens importantes no cenário mundial, como o caso da selfie que o presidente americano Barack Obama fez durante o funeral de Nelson Mandela (Figura 02).



Figura 02: Barack Obama fazendo uma selfie durante o funeral de Nelson Mandela. Acesso em: 25 de maio de 2015. **Fonte:** Zero Hora On-Line (2013)

⁴ Uma tag, ou em português etiqueta, é uma palavra-chave (relevante) ou termo associado com uma informação (ex: uma imagem, um artigo, um vídeo) que o descreve e permite uma classificação da informação baseada em palavras-chave. Em <https://pt.wikipedia.org>, acesso em 07/07/2015

Milhares de autorretratos são registrados todos os dias em ambientes distintos e por um número cada vez maior de pessoas. Devido a popularização deste fenômeno, utilizaremos neste artigo a referência de magazines e portais de diversos segmentos para assim analisar como a prática está presente no cotidiano das pessoas. Esta popularização fica evidente quando encontramos listas de tipos de selfie como a publicada pelo portal *Garotas Estúpidas*⁵ que é direcionado ao público adolescente feminino;

Selfie Natural, aquele onde o objeto da foto está de cara lavada, sem produção; Selfie “Vida Loca” - Aquele tirando em poses revoltadas, com cara de mau; Belfie – Aquele que tira foto do corpo, principalmente do bumbum; Selfie Inveja My Boy (girl) – Do tipo tira o Olho, o garoto(a) é meu; De férias – Com paisagens paradisíacas de fundo; Selfie tímida - Com o olhar para baixo, ou escondendo o rosto; Selfitfitness – Em academias ou durante práticas de exercício; Sou Pop – Com as amigas, fazendo caras e bocas; Silly Selfie – Fazendo caretas; Selfie sem rosto - Geralmente valorizando imagens do corpo, entre outros. (FERNANDES, 2013).

Refletir sobre as razões que levam a este tipo de comportamento é o objeto de estudo deste artigo, que também busca avaliar como a cultura moderna, ou pós moderna, e comportamentos individualistas, contribuem para utilização em massa de ações onde o personagem principal seja a própria pessoa. Destacaremos neste estudo a rede social Facebook, pois além do fato de um grande volume de pessoas utilizarem este canal, o grupo que a desenvolveu adquiriu duas outras redes que também são utilizadas em larga escala, o WhatsApp (plataforma de mensagens on-line) e o Instagram (rede de compartilhamento de imagens). Esta última, contribui ainda mais para que a selfie seja disseminada, pois trata-se de uma rede de relacionamentos onde as pessoas interagem por meio de fotos e imagens tiradas do seu dia-a-dia.

2. O SER HUMANO INDIVIDUALIZADO

Refletindo brevemente sobre nosso passado podemos perceber que os grupos sociais dos quais participávamos há cerca de 10-15 anos atrás tinham em espaços físicos como clubes e escolas, por exemplo, a possibilidade de reunião social. Estas ainda existem e são utilizadas, porém, não são as únicas formas disponíveis para que tenhamos contato com outras pessoas. No convívio familiar encontros como jantares e festas de aniversário eram eventos que mantinham nossos parentes e amigos mais próximos em nosso círculo de convívio. Isso nos

⁵ <http://www.garotastupidas.com/10-tipos-de-selfies-e-o-que-elas-dizem-sobre-voce/> Acesso em 29/05/2015

bastava? Tanto não nos bastava que com o surgimento das redes sociais virtuais, de uma forma muito rápida, as pessoas passaram a utilizar estes canais para se comunicar e estabelecer relações muito além daquelas descritas neste parágrafo.

Percebemos que na maior parte das vezes, aqueles que fazem parte das nossas redes de relacionamento virtual são, basicamente, amigos e familiares, porém, é comum adicionarmos em nossos contatos pessoas que não fazem parte do nosso convívio. Para isso basta que elas tenham, em algum momento, qualquer tipo de relação para que haja motivo suficiente para “adicionar no Face⁶”. Vivemos uma era em que a maior parte de nossos amigos são virtuais, porém, o fato deles serem virtuais não significa que não existam. Segundo Pierre Levy;

O virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como um complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (1997, p.16)

Neste caso, a atualização, ou, o problema a ser solucionado, está no relacionamento que buscamos com os outros. Se antes precisávamos frequentar um determinado espaço físico para conseguir amigos, hoje podemos ser amigo de um artista famoso sem sequer ter encontrado com ele. Neste caso, a resolução deste “problema”, fazer novos amigos, “é característica da atualização que vivemos uma vez que ela é a invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e realidade” (LEVY, 1997), ou seja, fazer amigos é natural no nosso mundo real, já no mundo virtual o comum é adicionar pessoas, mesmo que isso não a torne um amigo de fato. Podemos escolher de quem queremos ser amigos ou não, da mesma forma que fazíamos no passado, porém não ficamos restritos apenas aos ambientes que frequentamos. Daniel Miller, em co-autoria com Don Slater, aborda a diferença entre os universos on-line e off-line em uma pesquisa realizada em Cibercafés em Trinidad⁷. Neste artigo o autor percebe como as relações entre os jovens que frequentam estes espaços vão além do relacionamento digital. Segundo Daniell Miller

Não é uma surpresa que essas redes on-line estavam integradas com redes off-line. Por exemplo, um rapaz, que viesse sendo bastante bem sucedido no

⁶ Nas relações sociais atuais, principalmente entre o público da denominada geração “Z” (nascidos em meados da década de 1990) uma amizade ou um relacionamento só é efetivado quando se tem a pessoa com quem se pretende estabelecer este vínculo adicionada na sua rede.

⁷ A pesquisa de Daniel Miller ocorreu nas ilhas de Trindade (ou Trinidad), Tobago. A ilha da Trindade é a maior e mais povoada, representando 94% da área do total e 96% do total de habitantes. Em <https://pt.wikipedia.org> acesso em 07/07/2015

desenvolvimento de relacionamentos com mulheres on-line, talvez fosse solidário com seu amigo que havia tido muito menos sucesso. Ele talvez pedisse à sua namorada on-line, vivendo em Melbourne, Austrália, ou Seattle, nos EUA, para encontrar uma potencial namorada on-line para esse amigo. Ademais, o amigo em questão que ele estivesse ajudando podia ser seu vizinho de porta. Mas poderia ser, igualmente, um amigo on-line que ele jamais conhecera, mas que ele sabia, pelas conversas diárias, que não estava tendo muito sucesso nas tentativas cada vez mais desesperadas de "emplacar" on-line com as garotas. (MILLER, 2004)

Mesmo que os relacionamentos contemporâneos ainda “orbitem” nos universos on-line e off-line percebemos que a possibilidade de escolha entre estes mundos nos permite atender nossas necessidades pessoais e não mais, somente, as sociais. Segundo Wolton, “cada um pode agir, sem intermediário, quando bem quiser, sem filtro nem hierarquia e ainda mais em tempo real” (2003, p.83). Esta sensação de liberdade oferece possibilidades, uma vez que não é mais necessário se expor diretamente. Estar “atrás de uma tela” nos garante uma certa segurança para fazer aquilo que filtros sociais como ética, educação e bom comportamento nos impediam de manifestar num modelo de relacionamento tradicional fora do mundo digital.

De acordo com Lipovetsky (2004) vivemos numa sociedade hiperconsumista centrada no indivíduo que tem como base a aquisição de dispositivos para sua satisfação individual. De acordo com o autor

Os indivíduos hipermodernos são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos (2004, p. 28).

Houve um tempo que a sociedade nos impunha alguns padrões. Ambientes escolares e sociais de um modo geral nos condicionavam a seguir um “modelo ideal”. Um indivíduo moderno, ou hipermoderno conforme Lipovetsky, pode experimentar um pouco de tudo, de acordo com sua vontade. Esta possibilidade de “navegar por diversos mares” traz consigo a superficialidade, pois a informação, o conteúdo e o conhecimento hoje estão a um click de distância. Nunca foi tão fácil ter seu próprio gadget⁸ e como ele estar “ligado” ao mundo todo a qualquer momento.

Esta facilidade nem sempre fez parte do processo de estar na rede, navegando. Nos primórdios da internet era necessário estabelecer uma conexão com algum provedor para então ter acesso a rede. A expressão entrar na internet nos remetia a algo como entrar em um novo

⁸ A expressão tem origem em um personagem de desenho animado chamado Inspetor Bugiganga que em sua língua original, o inglês, se chama Inspector Gadget, desta forma podemos associar o termo Gadget com bugiganga, geringonça, enfim: uma espécie de apetrecho tecnológico. Em <http://www.tecmundo.com.br/> Acesso em 07/07/2015.

mundo, ir para um outro lugar. Este “local” foi denominado de ciberespaço e, segundo Pierre Levy, é “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (1999, p.92).

Hoje sabemos que não é mais necessário “entrar” neste mundo, pois estamos conectados a todo momento. Com o avanço da tecnologia até mesmo os dispositivos mais simples permitem manter alguém conectado à rede. Esta facilidade possibilita que o indivíduo acesse informações que tem vontade de ver, no momento que quiser ver, frequente os grupos que tem relação com seu perfil pessoal, interaja com amigos e familiares em horários diversos, enfim, o uso atual da tecnologia favorece que tenhamos atitudes mais individualizadas.

Este conceito é chamado por Lipovetsky como hiperindividualismo que

Favorece a desestruturação de antigas formas de regulação social dos comportamentos, junto a uma maré montante de patologias, distúrbios e excessos comportamentais. A era do hiperconsumo e da hipermodernidade assinalou o declínio das grandes estruturas tradicionais de sentido e a recuperação destas pela lógica da moda e do consumo. (2004, p. 29).

Um bom exemplo deste comportamento que rompe com as estruturas tradicionais foi descrito em uma pesquisa que um restaurante na cidade de Nova Iorque fez (GONÇALVES, 2014), após receber diversas reclamações devido ao tempo de espera em seu estabelecimento. Funcionando há cerca de 10 anos, o restaurante tinha câmeras de segurança desde a sua fundação e, conseqüentemente, alguns registros da época de abertura. Com estes dados nas mãos fizeram uma avaliação do tempo que as pessoas levavam para jantar desde a sua chegada até pedir a conta.

Em 2004, ano de abertura do estabelecimento, as pessoas levavam em média 1h05m para finalizar seu jantar, solicitavam a presença do garçom apenas para o pedido e quando queriam pedir a conta. Já em 2014, o tempo total do mesmo jantar passou para 1h55m, ou seja 50 minutos a mais. O resultado da pesquisa mostra que atualmente o cliente leva pelo menos 30 minutos para que, após sentado, faça seu pedido. Antes disso faz algumas fotos, solicita ao garçom a senha de acesso à internet, faz postagens sobre o lugar, sobre a mesa, sobre a noite. Após receber o prato, as fotos e compartilhamentos continuam. Um dado curioso deste estudo é que 8, dos 45 clientes avaliados na pesquisa em 2014, esbarraram em outros clientes ao sair por estarem utilizando seus dispositivos enquanto andavam pelo restaurante. Com dados como

este o comportamento individualista fica evidente. Não é difícil perceber que cada vez mais pessoas querem contar suas próprias histórias.

No mundo do hiperindividualismo, falar de si passa a ser o senso comum. As ferramentas que temos à disposição nos permitem que falemos de nós mesmos. Conforme Sibilía (2008):

Milhões de usuários em todo o planeta – gente “comum”, precisamente como eu e você - tem se apropriado das diversas ferramentas disponíveis on-line, que não cessam de surgir e se expandir, e as utilizam para expor publicamente a sua intimidade. Gerou-se assim o verdadeiro festival de “vidas privadas”. (p.26)

O discurso da autora é bastante sinérgico com o momento que vivemos atualmente. A vida das pessoas não é mais de sua propriedade, elas são da rede. Esta exposição trouxe junto uma necessidade demasiada de fazer de sua vida um evento. Existe uma disputa, mesmo que inconsciente, para ver quais postagens alcançam mais adeptos, mais curtidas, mais comentários. O interessante de observar é que de acordo com o avanço da tecnologia, que proporciona mais capacidade e qualidade técnica na produção de conteúdo, aumenta também a complexidade do que é exposto. Temos a disposição uma série de pequenos diretores, redatores, designers que criam conteúdos em vídeo, texto, imagens porém a pauta é sempre a mesma, falar de si. Mais uma vez o questionamento levantado por Sibilía faz bastante sentido: “São obras produzidas por artistas que encarnam um nova forma de arte e um novo gênero de ficção, ou se trata de documentos verídicos acerca de vidas reais de pessoas como você, eu e todos nós?” (2008, p.30).

As histórias contadas são de fato histórias da vida real. São narrativas que expõe o dia-a-dia das pessoas de forma bastante natural e espontânea. A ideia de uma câmera na mão e uma ideia na cabeça⁹ agora faz parte do cotidiano e da cultura comum. Não importa mais classe, gênero ou idade, as produções em vídeo não param de crescer e Canais como Youtube e Vimeo recebem milhares de vídeos todos os dias, das mais diversas formas, com os mais diversos conteúdos. Vale a pena destacar o crescimento do mesmo conceito na indústria de filmes para adultos. Sites que disponibilizam filmes pornográficos recebem também diariamente milhares de filmes “caseiros” onde as personagens são casais comuns, mas por um desejo de se expor, fazem vídeos íntimos para alimentar estes canais.

⁹ A Frase é atribuída a Paulo César Saraceni, porém ganhou repercussão quando proferida pelo cineasta Glauber Rocha. O próprio Glauber afirma que o autor da frase é Saraceni. Em https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/paulo_cesar_saraceni acessado em 29/05/2015

Quando falamos de fotografia, a exposição cotidiana é ainda mais evidente até mesmo porque, se comparado com um vídeo, a foto é muito mais rápida para ser produzida. Quando nossas máquinas eram analógicas, precisávamos de filme e uma boa dose de paciência para aguardar a foto ficar pronta, selecionávamos cada momento para podermos registrar ou eternizar em uma foto. Com o advento do digital, mesmo ainda com limites de memória, podemos registrar uma quantidade muito maior de fotos e com isso conseguimos gravar muito além de momentos selecionados, podemos de fato registrar a vida nos seus mínimos detalhes. “Com a facilidade técnica que esses dispositivos oferecem na captação mimética do instante, a câmera permite documentar a própria vida: registra a vida sendo vivida e a experiência de *se ver vivendo*” (Sibilia, 2008, p.33).

Esta experiência se torna muito mais interessante quando se tem com quem compartilhar. O “combustível” para tudo isso é saber que se faz uma foto, se faz um vídeo sempre com o objetivo de que alguém veja. O mais curioso de tudo isso é que mesmo com características de uma vida individualizada, precisamos da interação com outras pessoas.

De acordo com Norbert Elias “por mais que tentemos separar o indivíduo da sociedade, percebemos que o desenvolvimento de um está intimamente ligado ao do outro” (1994, p.09). Mesmo com todo o aparato tecnológico que permite vivermos de forma isolada, está na natureza do ser humano se socializar. Ainda segundo Elias

A sociedade só existe porque existe um grande número de pessoas, só continua a funcionar porque muitas pessoas, isoladamente, querem e fazem certas coisas, e no entanto sua estrutura e suas grandes transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa em particular. (1994, p.10)

Cada vez mais encontramos novas formas para nos socializar. A tecnologia contribui para isso, porém, cria possibilidades distintas daquelas que nos acostumamos a ver por séculos. O fato de um jovem passar horas acessando a rede não significa que esteja fazendo isso sozinho. Por mais que as atitudes que temos tido numa sociedade tenham características pessoais, tudo que é feito tem como propósito a socialização. O que podemos perceber é que a forma de interação social fica mais rica uma vez que temos mais personalidade envolvida neste processo. Portanto falar de si, fazer uma selfie, e contar sua história nada mais é do que seguir a natureza humana de viver em sociedade.

3. SER HUMANO É SER SOCIAL?

Conforme Aristóteles

O homem é um animal cívico, mais social do que as abelhas e os outros animais que vivem juntos. A natureza, que nada faz em vão, concedeu apenas a ele o dom da palavra, que não devemos confundir com os sons da voz. Estes são apenas a expressão de sensações agradáveis ou desagradáveis, de que os outros animais são, como nós, capazes. A natureza deu-lhes um órgão limitado a este único efeito; nós, porém, temos a mais, senão o conhecimento desenvolvido, pelo menos o sentimento obscuro do bem e do mal, do útil e do nocivo, do justo e do injusto, objetos para a manifestação dos quais nos foi principalmente dado o órgão da fala. (1997,p. 3)

O dom da fala nos diferencia dos demais, mas, com a evolução da humanidade outras habilidades foram sendo desenvolvidas, como a utilização das diversas tecnologias que temos a disposição atualmente, que nos diferenciam ainda mais dos demais seres vivos com quem compartilhamos este planeta. Das percepções que o filósofo grego teve é indiscutível que a necessidade de viver em conjunto, de sermos um animal cívico, é evidente. É da natureza humana buscar outros de sua espécie para se socializar, assim, podemos analisar com maior clareza o surgimento das redes sociais.

A internet trouxe a possibilidade de nos comunicarmos de diversas maneiras, porém as que mais são procuradas são as redes sociais como Orkut¹⁰, Facebook, Instagram, Twitter e Youtube estão à disposição para que possamos interagir com outros seres, vivendo numa comunidade virtual. Cada uma destas redes tem características particulares, porém, o que elas fazem, é trazer informação de um indivíduo para o mundo. Algumas destas surgem inclusive com características no mínimo estranhas, como a rede conhecida como “Orkut dos mortos”, onde os familiares podem criar um perfil de um ente querido que já faleceu, com suas músicas preferidas, fotos, vídeos, enfim um registro da vida para ser visto depois da morte.

A principal função de viver em sociedade é a de compartilhar momentos da complexa missão que é viver. Alegrias, tristezas, celebrações, não seriam as mesmas se não pudéssemos ter com quem dividir. Se olharmos brevemente para o passado veremos como nossos ancestrais buscavam, como já mencionado anteriormente neste artigo, locais, instituições como um clube, a escola, a igreja, o condomínio, enfim, sempre foi objetivo dos homens se agrupar para se desenvolver. Por que no universo on-line seria diferente? A possibilidade de estar conectado com o mundo abriu as portas para que “nosso clube” se tornasse muito maior. Canais como os

¹⁰ Esta foi a primeira rede de grande expressão no mundo. Foi criada no ano de 2004 , porém, com o surgimento de outros canais acabou sendo descontinuada pelo Google em 2014.

já citados acima nada mais são que locais de reunião de pessoas, com interesse e comportamentos em comum.

De todos estes canais é ressaltamos a importância Facebook. Para entender melhor do que estamos falando destacamos alguns números sobre o acesso à internet no mundo. Um percentual que corresponde a menos da metade das pessoas do planeta tem acesso a internet e segundo dados da internet.org

Apenas 40% do mundo estão conectados à internet. A maior parte dos desconectados está em países em desenvolvimento. O estudo de conectividade global da Internet mostrou também que 37,9% da população do planeta navega pela menos uma vez por ano. Contudo, mais de 90% da população mundial vive em áreas com alcance a uma rede de celular. Pelo menos 78% das pessoas que vivem em países desenvolvidos estão online, enquanto nas nações de economia emergente esse número cai para 32%. Em 2015 a expectativa é de que 3 bilhões de pessoas estejam, finalmente, com acesso à internet. Mas esse processo é longo, para se ter uma ideia, em 2014 a conectividade global cresceu apenas 6,6%; enquanto em 2010 esse número foi de 14,7%. Nesta proporção, os usuários da Grande Rede não serão 4 bilhões antes de 2019 (OTONI, 2015).

Com estes dados conhecidos, podemos dizer que o Facebook não é apenas um local de convívio, mas sim *do local* onde as pessoas estão. Nunca uma rede de relacionamento virtual teve um alcance tão significativo como o Facebook. Do total de 40% da população que tem acesso à internet, mais de 1/3¹¹, tem uma conta no Facebook ou seja, 1 em cada 3 pessoas que têm acesso à internet, utiliza, de alguma forma, este canal para se socializar, compartilhar informações, fotos, vídeos e qualquer conteúdo que julguem relevantes.

Como todo convívio social, a utilização destas redes de relacionamento digital trazem algumas consequência para quem as utiliza. Temos experimentado sentimentos e sensações comuns, porém, provocados por comportamentos novos. Conforme matéria publicada na revista Super Interessante (2015) estas redes, mesmo que não diretamente, podem nos causar alguns problemas. Participar de uma rede social traz consigo situações que por muitas vezes se tornam fisiológicas, até mesmo patológicas. Ansiedade, inveja, ódio, insegurança, enfim, são diversos sentimentos que se misturam a alegria e satisfação de poder reencontrar – mesmo que digitalmente - um amigo de longa data ou um parente com o qual perdemos contato, por exemplo. Segundo a matéria do magazine, alguns cientistas descrevem que exista a chamada

¹¹ Facebook supera estimativa de receita de analistas; usuários já são 1,4 bi. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/01/1581963-facebook-supera-estimativa-de-receita-de-analistas-usuarios-ja-sao-14-bi.shtml> Acesso em 29/05/2015

inveja subliminar, ou seja, aquela que nossa consciência não percebe. “Seria algo como quando um amigo publica uma foto de um carro novo que comprou e você se questiona do porquê não consegue comprar um carro, ou trocar o seu. A tendência daqueles que usam a rede é de se expor apenas em situações perfeitas, onde a felicidade impera”. (Santi, 2015)

No mundo real as coisas não acontecem desta forma, porém, nosso compartilhamento de sentimentos e emoções antes das redes sociais digitais era mais restrito ao nosso grupo de convívio primário, como familiares e amigos muito íntimos. Como consequência poucas pessoas sabiam dos acontecimentos pessoais das outras e, mesmo assim, era inevitável que questões particulares chegassem ao conhecimento de um número maior de pessoas.

Este “turbilhão” de emoções favorece o crescimento de sentimentos como o egocentrismo e o narcisismo. Um estudo de uma universidade americana (University of Illinois) aponta que quanto mais amigos você tem em uma rede social, maior a chance de ter atitudes narcisistas como fazer uma selfie. “A necessidade de se expor e de mostrar aquilo que faz é diretamente proporcional ao tamanho da rede que você faz parte” (Santi 2015, p.30). Este elemento somado a outras atitudes individualizadas, acabam por estimular nas pessoas sentimentos como o ódio que geralmente é manifestado por meio de comentários desmedidos que ficam protegidos pela tela de um dispositivo qualquer. É muito mais fácil criticar e ofender pessoas quando não se está frente a frente dela. Estamos vivendo em uma sociedade extremamente crítica, porém, pouco corajosa.

Mas afinal, se estar presente numa rede social digital oferece estes riscos, por que os números de adeptos é tão crescente? Parte disso pode ser explicado por reações químicas ocorridas em nosso organismo por meio de uma substância que é liberada em nosso cérebro quando ganhamos “likes”¹² em qualquer postagem de nosso perfil. De acordo ainda com a matéria da Super Interessante (2015 p.32), um estudo da Universidade Livre de Berlin mostrou que ao ganhar uma curtida, ou receber um comentário incentivador, como um elogio ou algo parecido, libera a substância dopamina que é a mesma substância que nosso organismo libera quando comemos ou fazemos sexo, por exemplo. Ora, se temos a mesma reação química que comer e fazer sexo, seria uma explicação mais do que justa para como estas redes interferem em nossas vidas. A questão é que quando mais usamos, mais queremos usar e, como tudo, utilizado em excesso oferece consequências sérias a nossa saúde física e mental.

¹² O botão “like” é uma forma de analisar o quanto você está sendo bem avaliado pelos usuários da rede social. Está disponível na maior parte das redes sociais em uso e pode aparecer traduzido – “curtir” - ou por meio de uma imagem simbólica com sinal de positivo. Em <http://www.i9socialmedia.com/>. Acesso em 07/07/2015.

Os argumentos levantados pela matéria publicada apontam uma série de reações provocadas pelo uso das redes, porém, todas estão ligadas ao convívio social seja ele on-line ou off-line. Buscar um meio para se relacionar é natural para qualquer ser humano. Fazemos isso a milênios e não seria diferente agora com o advento da internet. Os meios digitais e a tecnologia potencializaram a nossa experiência de convívio e socialização. Mesmo que nossas atitudes possam ser consideradas individualizadas, ainda procuramos um meio coletivo para, aí sim, nos expor pessoalmente.

4. MEMORIA REGISTRADA

Segundo definição de Bell (2010) “no desenvolvimento dos seres humanos uma das buscas mais evidentes é o do registro da Memória Integral” (p.13). Desde o surgimento da linguagem, até a escrita e mais recentemente com a informática, buscamos maneiras de registrar coisas. Com toda tecnologia que temos a disposição, fica cada vez mais fácil registrar tudo que fazemos. Num passado bem recente, tínhamos que selecionar muito bem aquilo que gostaríamos de registrar, pois a capacidade era limitada e cara. Registrar uma viagem em apenas 24 ou 36 poses era um grande desafio.

Com toda a tecnologia a disposição nos acostumamos a fase de tirar as fotos a vontade e estamos vivenciando uma nova “preocupação” que é a de onde armazenar. Os espaços para armazenamento estão cada vez mais acessíveis e podemos realmente registrar uma vida em um cartão de memória do tamanho da unha do dedo mínimo do pé. O exemplo pode parecer estranho, porém não é exagerado. Em muito pouco tempo poderemos fazer isso em dispositivos ainda menores e com muito mais capacidade. Não precisamos mais usar a nossa própria memória, a fisiológica. Se nos propusermos a nos desafiar e lembrar qual o número de telefone dos seus três melhores amigos, ou da sua mãe ou qualquer outro familiar é provável que enfrentemos alguma dificuldade em lembrar destes números.

Nós não precisamos mais registrar estas coisas em nosso cérebro, precisamos apenas aprender onde buscar esta informação. Na verdade, “a capacidade de memória digital cresce com mais rapidez que nossa capacidade de recuperá-la” (Bell 2010, pg8).

A certeza que temos em poder registrar tudo o que fazemos nos dá uma liberdade em criar novas possibilidades de registro, como uma selfie. Será que alguém de fato quer ver uma foto nossa todo dia, várias vezes por dia, em lugares e posições diferentes? Será mesmo que as pessoas de nosso convívio querem saber se estamos no banheiro, na sala, se sentindo triste,

felizes ou preocupados? O cruzamento destes conceitos, do registro e do compartilhamento se dá justamente dentro de um ambiente virtual. Fazer parte de uma rede nos permite compartilhar em tempo real tudo aquilo que acontece conosco. Mesmo com uma capacidade enorme de registro e memória à disposição é necessário uma certa elaboração de mensagem para que este conteúdo visualizado por um número maior de pessoas.

Contar sua própria história pode até ser uma vontade de todos, mas o que de fato é espalhado, ou viralizado? Stuart Hall (2003) ajuda a pensar a respeito em seu artigo falando sobre codificação e decodificação. Neste artigo, Hall faz uma distinção analítica de denotação e conotação, onde a “denotação seria empregada como os aspectos de um signo que parecem ser considerados, em qualquer comunidade e a qualquer tempo, como o seu sentido “literal”; e conotação corresponderia aos significados que se geram em associação com o signo” (p. 393). Partido deste princípio, ele também afirma que é no âmbito conotativo que operam de maneira mais forte os valores ideológicos, vez que nessa esfera os sentidos não são fixados numa percepção naturalizada, são mais abertos e mais passíveis de transformações; “abre-se, assim, campo para que as ideologias alterem a significação, nasce a “luta de classes” da linguagem” (p. 394). Isso talvez explique por que o perfil de muitas das mensagens transmitidas pelas redes disponíveis sejam sempre mensagens subjetivas, querendo dizer algo e não dizendo diretamente. Mensagens enigmáticas, indiretas ou com certa ironia são compartilhadas a todo momento.

Antes das redes sociais poucas pessoas poderiam ter seus conteúdos publicados ou disponibilizados para quem quisesse ler. Registros que por muitas vezes eram tão particulares a ponto de ficar guardados no fundo de uma gaveta agora podem estar presentes em diversos locais virtuais como blogs e galerias de imagem, por exemplo. Gravamos nossas memórias sejam elas em vídeo, foto ou texto com certeza que poderemos acessá-las quando quisermos. O mais curioso é que registramos tantas coisas, as vezes até deixamos de aproveitar um momento único de uma viagem ou um show de rock para fazer várias fotos e vídeos daquele momento, mas com esta quantidade de informação que geramos nem sempre conseguimos ver tudo o que produzimos. Tudo isso ainda com um “agravante”, quem registrou tudo isso foi um equipamento e não nosso cérebro.

As redes sociais, principalmente aquelas ligas ao Facebook, mantem uma gama enorme de registro, pois oferecem a segurança de que o registro estará lá. Para poder ver algo que aconteceu em sua vida no ano passado, basta acessar esta rede e ver o que você postou naquele ano. Recentemente, uma nova função desta ferramenta apresenta uma postagem antiga,

relacionada a um amigo, convidando o usuário a “visitar” aquela publicação de determinado tempo passado. Não precisamos mais nem nos preocupar em lembrar de algo, basta aguardar para receber um aviso da ferramenta para recordarmos de um momento especial.

Segundo Bell, “estamos prestes a viver o tempo em que faremos o lifelogging, ou seja, o registro diário de nossas vidas” (2010, p.18). Talvez as pessoas apenas não se deem conta de que isso já está acontecendo.

5. CONCLUSÃO

As possibilidades que temos a nossa volta com a tecnologia criaram novas formas para que os seres humanos se relacionem. De fato não é a tecnologia que transforma nossas vidas, mas sim o uso que fazemos dela. O telefone por si não faria nada além de ligações se não o utilizássemos para diversas funções. Um gadget único, com várias funções fazendo tudo na palma de sua mão, já foi um sonho e hoje é a realidade. A questão é que a tecnologia não estimulou nosso uso, já tínhamos a necessidade de ter em um único dispositivo música, máquina fotográfica, agenda e e-mail. Esta necessidade apenas foi sanada com o universo de possibilidades que o mundo moderno nos apresenta.

As redes de relacionamento social existem a muito mais tempo do que a internet. Nós, seres humanos, sempre buscamos fazer parte de algo. O que percebemos é que no mundo que vivemos temos a possibilidade de fazer escolhas mais personalizadas, mas individualizadas, porém não deixamos de pertencer a sociedade. Não vivemos em um mundo isolado mas podemos oferecer ao mundo um pouco de nós mesmos.

No processo de desenvolvimento das sociedades humanas sem dúvida o registro da imagem sempre esteve presente na forma de contar a história de civilizações e pessoas. Pinturas rupestres, estátuas, quadros, fotografia e agora a selfie são formas de conversarmos e mostrarmos para o mundo um pouco de nós mesmos. Poucas pessoas no passado eram dignas de ter suas imagens eternizadas, porém agora qualquer um pode fazer isso. Mesmo a pouco tempo atrás, quando a fotografia digital ficou banalizada, faltava ainda um espaço para que as pessoas se mostrassem, ou na linguagem atual, compartilhassem seu status.

Ser individual não significa ser isolado, muito pelo contrário. Ser individual é querer mostrar um pouco de si para o mundo, como uma quebra cabeças onde peças com personalidade única compõe uma só estrutura.

6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Política**. 3ª ed. Brasília, D.F.: Editora da UnB, 1997.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994

FERNANDES, Andressa. **10 tipos de selfies e o que elas dizem sobre você**. Disponível em <http://www.garotasestupidas.com/10-tipos-de-selfies-e-o-que-elas-dizem-sobre-voce/>. 03/12/2013. Acessado em 29/05/2015

_____. **Fotógrafo conta a história por trás do "selfie" de Barack Obama**. Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/12/fotografo-counta-a-historia-por-tras-do-selfie-de-barack-obama-4362309.html>. 12/12/2013. Acessado em 29/05/2015;

GONÇALVES, Matheus. **Esperando tempo demais em um restaurante? A culpa pode ser sua!**. Disponível em <http://meiobit.com/293473/esperando-tempo-demais-em-um-restaurante-culpa-pode-ser-sua/> 24/04/2014. Acessado em 29/05/2015

HALL, Stuart. **Codificação/Decodificação**. In: HALL, Stuart, Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, UFMG, 2003.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: 34, 1997.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

LIPOVETSKY, Gille. **Os tempos hipermodernos**. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MILLER, Daniel & SLATER, Don. **“Etnografia on e offline: cibercafés em Trinidad”**. **Horizontes Antropológicos**, v. 1, n. 21, ano 10, p. 41-65. 2004

OTONI, Ana Clara. **Só 40% do mundo estão conectados, mas 90% têm como pagar pela internet**. Disponível em <http://blogs.oglobo.globo.com/nas-redes/post/so-40-do-mundo-estao-conectados-mas-90-tem-como-pagar-pela-internet-561839.html> 26/02/2015 Acessado em 29/05/2015

SANTI, Alexandre de. **O Lado Negro do Facebook**. Super Interessante, São Paulo. Edição 348m p. 28-39, Junho de 2015.

SBARAI, Rafael, **"Selfie" é nova maneira de expressão. E autopromoção**. Disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/selfie-e-nova-maneira-de-expressao-e-autopromocao/>. 23/11/2013. Acessado em 29/05/2015

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. Porto Alegre: Sulina, 2003.